

NÓS, FILHOS DE EICHMANN

CARTA ABERTA A KLAUS EICHMANN

Nunca é fácil encontrar o tom e as palavras certas para os filhos que perderam os pais. Escrever-lhe a si, Klaus Eichmann, é-me porém especialmente difícil. Não por ser filho do seu pai, ou seja, «um Eichmann»; nem por eu, pelo contrário, ser um desses judeus que escaparam ao dispositivo do seu pai e ainda estão vivos apenas porque não calhou terem sido assassinados. Não é isso que entre nós se interpõe e não é nesse sentido que o conceito «um Eichmann» se aplica. Jamais deve ele descrever aqueles que descendem *de* um Eichmann, mas sim unicamente aqueles que sentem, agem e argumentam *como* um Eichmann. E o princípio de «responsabilidade colectiva familiar»¹, do qual gente como o seu pai se serviu de forma tão irreflectida e graças ao qual tantos milhares foram mortos, não deve ser aplicado a si como a mais nenhuma outra pessoa. Ascendência não significa culpa e ninguém pode forjar a sua origem, e o mesmo se aplica a si.

Não, se me é tão difícil escrever-lhe, os motivos são outros. Desde logo, porque tremo perante o seu destino de ter de andar por aí a vida inteira como filho do seu pai. Mas, além disso, porque considero que a perda que o atormenta é pior do que a perda que atormenta outros filhos. O que quero dizer com isto?

Que perdeu o seu pai duas vezes.

E o que morreu com ele foi, para si, mais do que apenas o seu pai.

Gostaria de falar consigo sobre estas duas coisas.

A DUPLA PERDA

O que quero dizer quando lhe digo que o perdeu duas vezes?

Parece-me impensável que se tenha sentido órfão apenas naquele momento em que recebeu a derradeira e definitiva notícia, essa notícia de que as cinzas do que haviam sido os restos mortais do seu pai foram espalhadas no mar. O primeiro golpe terá sido desferido antes disso. Na verdade, até acharia natural que a ferida sofrida com o primeiro golpe nunca tivesse sarado e que já só tenha sentido o segundo sob o efeito da estupefação.

E o que quero eu dizer com o momento do primeiro golpe?

Trata-se do momento em que compreendeu *quem é*, em que o compreendeu verdadeiramente. É certo que também antes sabia, de alguma forma, que veio ao mundo como filho de um homem da SS e possivelmente até que a função exercida por esse homem da SS não era, de todo, uma função qualquer. Mas que função era essa? Os acontecimentos ocorreram no crepúsculo de um tempo que não pertencia de forma alguma à sua vida consciente e tinham-se desenrolado num longínquo continente² igualmente inverosímil para si. Veio a isto acrescentar-se que o rasto deste homem – assim lho foi dito –, tal como o de muitos outros, se tinha perdido na balbúrdia do pós-guerra; e, por fim, que existia há anos um outro homem que ocupou inteiramente a posição do seu pai, ofuscando-lhe por completo a imagem.

E chegou então o momento. O momento em que tudo se desmoronou. Porque então não descobre apenas quem era realmente o seu primeiro pai, não ouve falar apenas das câmaras de gás e dos seis milhões de mortos — o que já teria sido suficiente. Percebe agora, além disso, que o seu novo pai, o que apagou a memória do primeiro, não era outro senão o mesmo primeiro pai — isto é, o homem a que provavelmente estaria apegado por um amor filial e que talvez até tenha sido bom para si (foi com horror que acabei por escrever esta pequena palavra, «bom», palavra que os seis milhões de silenciados pareceram querer contestar) — e que esse homem não era senão o próprio Adolf Eichmann.

Vejo diante de mim a miséria desse momento. Ou, mais precisamente, tento conceber essa miséria. Tentei-o com frequência. Ignoro se fui bem-sucedido. O que sei ao certo é que não há malevolência pela qual filho algum possa merecer ver-se numa situação destas. Em contrapartida, a ideia de o seu destino ser imerecido é difícil de suportar, mesmo para quem está de fora. Mesmo para pessoas que, por falsa solidariedade com as suas origens, talvez considere suas inimigas. Naturalmente, isto não significa que a sua desdita seja merecida, mas sim que uma desdita tão grande e imerecida como a sua parece exigir o nosso respeito de uma maneira muito especial. Provavelmente isso acontece porque nós, que julgámos ter escutado essa exigência, sentimos a urgência expressa de reinstaurar uma dignidade humana afrontada ou até destruída por maus-tratos. Acredito, em todo o caso, que a atenção devida à miséria de uma vítima será tanto maior quanto maior for a injustiça que essa vítima tenha sofrido.

E isto é válido também para si. Porque também pertence aos maltratados. É por esta razão que, antes de continuar a

ler, deve saber que a sua miséria, pelo menos por ser imerecida, me infunde respeito; sinto por si algo semelhante ao que sinto pela miséria desses seis milhões a quem já não posso oferecer a minha mais alta consideração.

E, porém, a si, Klaus Eichmann, ainda posso. E, a si, posso pedir-lhe que a aceite.

Tentei, assim, conceber o momento em que tomou conhecimento. Mas é claro que o sabe melhor do que eu. Talvez o caminho que aqui sigo esteja errado. Talvez esse primeiro segundo de choque não tenha existido de todo. Talvez, num primeiro momento, não tenha sido realmente capaz de compreender ou sequer proferir a frase «Ele era o Eichmann». Talvez não lhe fosse ainda possível alinhar essas duas figuras tão diferentes, por um lado a do seu pai, por outro a de Eichmann. É, por isso, possível que não tenha lidado com esta terrível verdade de maneira diferente de como lidou anteriormente com a meia-verdade: de que também, durante um período, pura e simplesmente «sabia» *dessa verdade* — digo «sabia» no sentido mais vago e irreal; que foi incapaz de a processar e de retirar daí as suas conclusões; e inclusivamente nem sequer considero impossível que essa incapacidade ainda hoje subsista. Se fosse possível, num fim de tarde, ouvir no pátio da frente os passos que lhe são familiares — não correria, ainda hoje, ao encontro do seu pai com o mesmo entusiasmo de uma tardinha dos bons velhos tempos em que o «ele é ele» lhe era ainda completamente desconhecido? Eu acharia isso natural e muitos de nós vê-lo-iam certamente da mesma forma. Pois onde ou com quem lhe teria sido possível, a si, ou mesmo a nós, aprender a reagir rápida e apropriadamente a tão monstruosa notícia?

Desconheço, por conseguinte, o momento em que se apercebeu verdadeiramente da equação «*ele é ele*». Mas, independentemente de quando aconteceu (ou, se ainda não tiver ocorrido, de quando acontecer), o seu pai também terá para si morrido nesse dia e não apenas no dia em que tomou conhecimento da sua morte. E é por esta razão que afirmei que o perdeu duas vezes.

A MAIOR PERDA

E também afirmei que «o que morreu com ele foi, para si, mais do que apenas o seu pai». Não diga, por favor, que não sabe o que são «perdas adicionais». Isso até seria possível, mas nada provaria. Porque muitas perdas só se tornam sérias justamente por *não* serem sentidas. Um cego que nem sequer tenha compreendido *que é cego* e que, por força dessa deficiência adicional, ousa dar passos que, no fundo, não deveria atrever-se a dar, está em pior situação do que o cego que sabe do que padece. E consigo pode bem passar-se algo parecido.

De que perdas adicionais falo eu?

Da sua *dor*. Do seu *luto*. E da sua *piiedade*.

Houve, porém, depois de ter tomado conhecimento da derradeira notícia, realmente dor, luto e piedade? Manifestaram-se de facto?

Claro que não duvido de que esteja familiarizado com estas emoções. Como me poderia ocorrer o contrário? A minha questão prende-se exclusivamente com a sua posição actual, com o tempo que se seguiu à morte do seu pai, apenas com saber se, *dessa vez*, lhe foi possível sentir a dor, se *dessa vez* conseguiu chorar a sua morte, se ao menos *dessa vez* conseguiu recordá-lo.

Seria natural contar com estes sentimentos. Posso, por isso, imaginar que tenha pendurado a sua fotografia envolta pela faixa do luto sobre a cama, para se assegurar de que precisava apenas de erguer os olhos para encontrar o seu olhar familiar. Ou que tenha, por estar habituado a fazê-lo

com o seu pai, repetido sozinho o caminho para a paragem de autocarro, para senti-lo perto de si. Ou o caminho para o jardim. Ou algo parecido.

Mas será que estes meios serviram para alguma coisa? Terão as suas expectativas sido satisfeitas? Conseguiu captar o seu antigo olhar? Foi capaz de ouvir a sua antiga voz? Ou não aconteceu mais nada? De vez em quando, não terá, quiçá, encarado, em vez do seu *pai* Eichmann, o *assassino* Eichmann? Ou não terá encontrado o *seu* olhar, mas o olhar vidrado de uma das vítimas das câmaras de gás? Ou não terá ouvido a voz *dele*, mas outras vozes, como por exemplo a ressonância da equação: «*ele é ele*»? Ou os gritos sufocados daqueles atrás dos quais a porta de aço do espaço de extermínio se acabara de fechar? Ou, na maioria das vezes, nada de nada?

Como disse, tentei repetidamente colocar-me na sua posição. E comprovar por mim próprio o que me teria sucedido se tivesse a desdita de estar na sua pele. A resposta que fui levado a dar a mim mesmo depois dessas tentativas foi sempre a mesma: não. Não consegui alcançar o luto, a dor, a piedade. A fotografia ficou, em vão, pendurada na parede. Repeti os caminhos debalde. Jamais dei com o olhar do pai. Jamais pude ouvir a sua voz. E não posso, Klaus Eichmann, acreditar que pudesse ter sido mais bem-sucedido do que eu. As diferenças entre nós, seres humanos, não são assim tão grandes.

Porquê este malogro?